

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

**O TRABALHO GRUPAL DESENVOLVIDO COM MULHERES
IDOSAS E VIÚVAS DO SESC: O SENTIDO DA VIDA PARA
ESSAS PESSOAS E A IMPORTÂNCIA DO GRUPO COMO
INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL.**

APROVADO
em 08/12/95

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Serviço
Social da Universidade Federal de Santa
Catarina para obtenção do título de
Assistente Social pela Acadêmica.


KRYSZYNA MATYS COST
Chefe do Depto. de Serviço Social
GSE-UFSC

Geórgia Damiani Mazzucco

Florianópolis, Dezembro de 1995

“É preciso sonhar, sob a condição de crer seriamente em nosso sonho, de examinar com atenção a vida real, de confrontar nossas observações com nossos sonhos, de realizar escrupulosamente nossa fantasia”.

(Lênin)

"Dedico este trabalho a sete pessoas muito importantes em minha vida:

À meu pai Nilson e minha mãe Liége, que desde o berço, sempre se dedicaram a mim, educando-me e incentivando-me para que eu tivesse um futuro promissor.

À minha avó, em memória, que sempre me tratou com carinho a qual eu sempre admirarei.

À minha sobrinha e afilhada Luiza, que através de seus sorrisos, sempre transmitiu-me a felicidade de viver.

À meus sobrinhos Marcello e Murillo, que mesmo com suas travessuras, me ajudaram a concretizar este trabalho.

Ao Cássio, que soube compreender-me em todos os momentos e que mais do que um namorado, é um companheiro".

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo universo

A meus pais Nilson e Liége pela vida, pelo amor, apoio e compreensão

Ao Cássio, pelo carinho, paciência e dedicação

Ao SESC - Serviço Social do Comércio - pela oportunidade de estágio

À Selma Junkes, pela competência na supervisão e pela amizade

À D. Juracy, pelo apoio, incentivo e pelas palavras sempre amigas

A todos os funcionários do SESC, pela acolhida e apoio

À professora Maria da Graça Santos Dias, pela atenção, interesse e disposição que sempre nos dedicou na orientação deste trabalho

A minha tia e madrinha Neyde pela disponibilidade e dedicação na correção do português

À Inês e ao Davidson pela datilografia

À Flávia e ao Alexandre pela disponibilidade na revisão geral da datilografia

E a todas as pessoas, que de uma maneira ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I - CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A TERCEIRA IDADE E O FENÔMENO DA VIUEZ

- 1.1 - O Processo de Envelhecimento e suas Implicações nos Contextos Individual e Social
- 1.2 - O Fenômeno da Viuvez

CAPÍTULO II - A EXPERIÊNCIA COM MULHERES VIÚVAS NOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA DO SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC

- 2.1 - Considerações sobre o Serviço Social do Comércio - SESC
- 2.2 - O Grupo: Instrumento de Intervenção do Serviço Social
- 2.3 - Uma Compreensão do Fenômeno da Viuvez e da Participação nos Grupos de Convivência do SESC
- 2.4 - Análise Compreensiva

CONCLUSÃO

SUGESTÕES

BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Conclusão de Curso foi elaborado a partir da nossa experiência como estagiária do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, no período compreendido entre março/94 a julho/95, vivenciada junto a grupos de convivência da Terceira Idade no SESC - Serviço Social do Comércio - de Florianópolis.

A escolha do tema se deu, justamente ao fato de que nossa experiência realizou-se junto a grupos compostos por mulheres idosas, das quais, a grande maioria - como evidenciamos a partir de dados empíricos - já se encontravam no estado de viuvez.

O intenso relacionamento entre nós e os membros dos grupos, no decorrer dos encontros, contribuiu significativamente para o desenvolvimento deste trabalho, que constitui-se de dois capítulos.

O primeiro capítulo é dividido em dois (02) itens. No primeiro item, enfocaremos o Processo de Envelhecimento e suas implicações nos contextos Individual e Social, caracterizando portanto a Terceira Idade; e no segundo, ressaltaremos um pouco mais acerca do Fenômeno da Viuvez, enfocando principalmente, seus decorrentes fatos e implicações.

O segundo capítulo será constituído de 04 (quatro) itens. No primeiro item, faremos um estudo sobre a origem, organização e atividades/programas do Serviço Social do Comércio de Florianópolis - SESC.

A seguir, no segundo item, abordaremos a importância do trabalho com grupos em Serviço Social que através de uma maior participação, leva a socialização dessas pessoas.

E finalmente, no terceiro e quarto item, relataremos e elaboraremos uma síntese compreensiva acerca da pesquisa junto a membros dos grupos, dos quais são formados por mulheres,- onde a maioria são viúvas - ressaltando a significação da viuvez para as mulheres idosas entrevistadas, bem como, a significação do grupo social neste momento de enfrentamento da perda.

Os nomes citados nos depoimentos são fictícios, em observância do sigilo profissional.

Apresentaremos ainda neste Trabalho, conclusão, sugestões e bibliografias.

Aspiramos contudo, que o referido trabalho contribua de alguma maneira para novos estudos com relação à Terceira Idade, bem como, a todos que deste fizerem uso.

CAPITULO I

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A TERCEIRA IDADE E O FENÔMENO DA VIUEZ

1.1. - O Processo de Envelhecimento e suas Implicações nos Contextos Individual e Social.

Previamente, a qualquer definição do termo "velhice" faremos a seguinte indagação "O que é velhice"?

Para o estudo do envelhecimento, consideramos importante uma abertura de interpretações pessoais, a fim de que se possa conceitualizar melhor essa realidade.

O caráter histórico, relativo e variável do conceito e do significado da velhice, estabelece à priori, condições limitadas e opções específicas para o trajeto de vida de cada indivíduo e de cada grupo de indivíduos.

A velhice deve ser entendida sob múltiplas dimensões e sob vários aspectos. Assim como sendo um momento do processo biológico, não deixa de ser também, um fato cultural e social.

SALGADO (1989), "propõe que a velhice seja entendida como uma etapa da vida na qual, em decorrência da alta idade cronológica, ocorrem modificações de ordem biopsicossocial que afetam a relação do indivíduo com o meio".

Contudo, o fato que nos aparece é que, embora o corpo e a mente envelheçam juntos, o processo não se efetiva no mesmo ritmo para ambos.

FRAIMAN (1988), "conceitua o termo "geriatria", como sendo o campo de estudos que se concentra nos aspectos patológicos e patogênicos do envelhecimento e de sua prevenção".

Para BEAUVOIR (1970), "a velhice não é um fato estático: é o término e o prolongamento de um processo, processo este, denominado de envelhecimento".

O envelhecimento é caracterizado, por muitos, como um certo tipo de mudança na vida do indivíduo: alteração, considerável quando se refere, por exemplo, não só ao comportamento físico, mas ao comportamento social da pessoa.

Sendo BEAUVOIR (1970), "a velhice é um fenômeno biológico, o organismo do homem idoso acarreta certas singularidades".

O organismo entra em declínio, quando se reduzem suas probabilidades de subsistir.

SALGADO (1989), "nos diz que as mutações de ordem biológica verificáveis no declínio do organismo humano, decorrem, fundamentalmente, do processo de senescência, responsável por perdas orgânicas e funcionais. Entretanto, um organismo pode também decair, em sua força e função por moléstias, por uma utilização inadequada ou, mesmo, por má nutrição".

Constatou-se, em pesquisas realizadas por todo o mundo, que a decadência física, que é inerente à época da velhice, é resultante, na maioria dos casos, de condições inadequadas que todo o organismo esteve submetido em etapas anteriores da própria vida do indivíduo.

Contudo, constatamos a "importância da boa alimentação", uma alimentação bem balanceada é importante, sendo que o contrário, poderia desencadear um envelhecimento precoce.

Perante o que fora descrito sobre o termo envelhecimento, SALGADO (1989), "conceitua o mesmo como o tempo da vida humana em que o organismo sofre consideráveis mutações de declínio na sua força, disposição e aparência, as quais, porém não incapacitam ou comprometem o processo vital".

É o que não ocorre com o termo senescência, que por sua vez, por ser considerada uma etapa posterior ou mais acentuada do envelhecimento, caracteriza-

se por mudanças incapacitantes e comprometedoras, capazes de afetar a estabilidade e a própria vida do indivíduo.

Segundo SALGADO (1989), "pela diferenciação anteriormente ressaltada, podemos concluir, então que uma pessoa envelhecida não é necessariamente uma pessoa senil".

O envelhecimento e a senescência são condições presentes no organismo de pessoas que se aproximam da terceira idade.

Para SALGADO (1989), "o processo de envelhecimento e de senescência difere de organismo para organismo".

Indivíduos que chegam a essa época de vida, ou seja, no envelhecimento, de acordo com suas capacidades físicas, apresentam situações biológicas diferenciadas.

Quando chega a velhice, verifica-se no homem, uma série de modificações em seu organismo como declara BEAUVOIR (1970).

Observa-se uma acentuada redução da capacidade de regeneração celular. O progresso intersticial em detrimento dos tecidos nobres, evidencia-se, sobretudo, ao nível das glândulas e do sistema nervoso. Acarreta com isso, uma involução dos principais órgãos e um enfraquecimento de certas funções que vão em contínuo declínio até a morte.

Os cabelos embranquecem e tornam-se mais ralos a pele se enruga, caem os dentes, e a proliferação senil da pele, ocasiona um espessamento das pálpebras superiores, enquanto se cavam bolhas sobre os olhos.

O esqueleto padece de osteoporose, a substância compacta dos ossos torna-se esponjosa e frágil, o que explica a frequência das fraturas do colo do fêmur, que suporta o peso do corpo.

O coração vai, progressivamente, perdendo suas faculdades de adaptação, e o indivíduo passa a reduzir suas atividades, a fim de poupá-lo.

Os idosos dormem mal e o esforço físico só lhes é permitido dentro de estreitos limites.

As afecções mais frequentes entre os velhos são as "indisposições mal definidas" e os reumatismos.

A velhice termina sempre com a morte; mas é raro que ela sozinha a acarrete por si mesma, sem a intervenção de algum elemento patológico.

Segundo FRAIMAN (1988), "chegar à velhice com saúde é privilégio de poucos, devido à somatória de situações desgastantes ao longo da vida. Daí ser ela relacionada com a doença, com a degeneração, com a pluripatologia".

Em nossa sociedade, o homem contemporâneo, especialmente, o homem urbano, submete seu organismo à condições desfavoráveis e prejudiciais à sua saúde. No seu trabalho, e mesmo nas atividades cotidianas, em alimentações inadequadas, no consumo de álcool e outros, tudo isso somado, resulta no desgaste, cada vez mais, intenso do seu organismo, fazendo com que o mesmo chegue à velhice, adquirindo mais facilmente, vários tipos de moléstias.

Assim como a medicina moderna luta em busca da cura dessas doenças, a melhor maneira de evitá-las é conseqüentemente a prevenção das mesmas.

Assim como a velhice acarreta conseqüências biológicas ao organismo do indivíduo, ela também acarreta efeitos psicológicos sobre esse indivíduo.

Segundo SALGADO (1989), "sendo o envelhecimento biológico uma condição imutável da espécie humana que se traduz por perdas orgânicas progressivas, o mesmo acontece no plano da vida psicológica".

Ainda SALGADO (1989), "nos diz que a vida humana se constitui de uma série de acontecimentos interrelacionados; e mesmo quando isolados, sofrem a influência de todo um contexto sócio-ambiental, no qual se insere o indivíduo".

A personalidade de cada indivíduo define-se em relação a cada acontecimento, pois cada acontecimento vivido pelo homem, está em relação direta com as particularidades de cada um.

Para FREIRE (1980), "a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica; é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem, refazem e transformam o mundo".

O homem é que faz a sua história. Interage e se relaciona com os outros. E é aqui que ressaltamos a pessoa idosa como sujeito histórico que vive e luta e que se transforma enquanto pessoa, a partir das exigências da vida.

"A velhice é a parte do desenvolvimento humano integral, e não uma predestinação do fim. É o resultado dinâmico de um processo vital, global de uma vida, durante o qual o indivíduo se modifica, incessantemente. As mudanças que um indivíduo sofre ou experimenta podem ser sempre a qualquer idade, lentas ou abruptas, conscientes ou inconscientes, culturais, históricas, sociais, psicológicas ou biológicas. Quando conscientizadas, requerem ao indivíduo um confronto, um diálogo entre a sua situação presente e vivencial e sua situação anterior". (FRAMAN, 1988: 20-21).

A velhice é então definida como parte do desenvolvimento do homem. É o resultado de sucessivas passagens ocorridas no indivíduo, tanto física e psicologicamente, quanto cultural ou socialmente. Muitas vezes, essas mudanças podem ocorrer paulatinamente. Nesses casos, dizemos que as pessoas costumam a envelhecer e tem a aparência jovem, apesar da idade.

Para SALGADO (1989), "viver é um estado de equilíbrio; e, como um estado de equilíbrio é sempre afetado por uma nova situação, ocorre um desequilíbrio a que se deve responder".

Portanto, é exigido do indivíduo um esforço para que o mesmo se posicione frente a essa nova situação. O indivíduo portanto, sempre, e a todo momento está sujeito à novas situações vitais.

Na velhice, esse equilíbrio se torna difícil, frente às diferenças individuais, decorrentes da longa história de vida dessas pessoas.

Nessa fase de vida os idosos perdem o incentivo, a motivação, a alegria de viver. Há então, uma necessidade premente de motivá-los. Contudo, essa motivação depende das experiências de cada um e de suas características comportamentais.

A personalidade de cada indivíduo idoso é construída, a partir de padrões de adaptação que o mesmo enfrenta no decorrer de sua vida.

A ausência de perspectivas para o futuro, faz com que o idoso despreze o momento presente, e conseqüentemente, dê um significado mais relevante ao tempo passado no qual ocorreram realizações.

Como ressalta SALGADO (1989), "uma parte importante do estudo dos aspectos psicológicos do envelhecimento é a que diz respeito a capacidade intelectual, que tem relação direta com o comportamento, pelo resultado prático de uma aprendizagem assimilada".

A capacidade intelectual na velhice vai depender, indiscutivelmente da capacidade de percepção, de aprendizado e do discernimento de cada indivíduo perante qualquer situação.

Para FRAIMAN (1988), "o envelhecer é um processo de modificação, que se desenrola tanto na área biofisiológica como na área psicossocial".

Conforme SALGADO (1989), "gerontologia significa o estudo dos processos de envelhecimento com base nos conhecimentos oriundos das ciências biológicas, psicocomportamentais e sociais".

A sociedade tem seu papel preponderante na vida do idoso. A idade social e cronológica, que seguiram paralelas até este movimento, começam a distanciar-se, fazendo com que o idoso desempenhe suas tarefas morosamente na sociedade. Com isso, não se quer dizer que ele perca seus direitos de cidadão muito embora, alguns sofram discriminação e preconceitos.

Dai a importância dos grupos de convivência para a terceira idade, que além da companhia que desfrutam, vivem horas de lazer, executando pequenos trabalhos manuais que, para eles, são gratificantes. Deve-se levar em conta, também, o ambiente familiar. A perda de um dos cônjuges, faz com que a pessoa idosa se sinta cada vez mais solitária e desamparada. É lamentável que, muitas vezes, a própria família rejeite o idoso.

Segundo FRAIMAN (1988), "a velhice também acarreta dificuldades quanto à situação econômica dessas pessoas".

Uma das grandes dificuldades a qual a pessoa idosa se depara, diz respeito ao seu afastamento do mercado de trabalho.

A aposentadoria para CANÔAS (1983), é sinônimo de uma série de estímulos que marcam este período: o estado de inatividade e o fim do tempo de serviço com determinado vencimento.

Este estado de inatividade é caracterizado pela pessoa que não possui mais o valor produtivo, não contribuindo assim, com a sua parcela de profissional para a sociedade.

Segundo BEAUVOIR (1970), "quando se trata do seu estatuto econômico, dir-se-ia que consideramos as pessoas idosas como pertencentes a uma espécie estranha: não experimentam nem as mesmas necessidades, nem os mesmos sentimentos que os outros homens".

O direito ao voto, por exemplo, embora possam votar, desde que queiram e que não tenham perdido a sua lucidez. Impotentes para desempenhar tarefas, apresentam um grande e rico manancial de experiências que são passadas de geração em geração. A sociedade deve olhar e acatar com mais carinho e consideração a pessoa idosa, jamais relegando-a à marginalização.

"O velho, atualmente, carrega como parte inerente a sua condição estereótipos e classificações pouco reveladoras da sua real condição; temos a tendência de encará-lo como uma estrutura rígida de personalidade, frente a qual nos paralisamos, e codificá-lo como "rabugento", "difícil", "intransigente", "pouco receptivo", "igual a uma criança", frente ao que só nos revela exercer a nossa tolerância ou impaciência". (FRAIMAN, 1988: 202).

O mais sensato seria abandonarmos de imediato esses estereótipos sociais e culturais, e encararmos a pessoa idosa com o devido respeito, não uniformizando-a de acordo com nossas próprias determinações.

Segundo BORDENAVE (1983), "participação é conceituada como antônimo de marginalização. Marginalidade significa ficar de fora de alguma coisa, às margens de um processo sem nele intervir".

A participação promove antes de mais nada a transformação das pessoas em pessoas mais críticas e ativas, em relação a qualquer situação por ela deparada.

Para BORDENAVE (1983), "a participação é um processo de desenvolvimento da consciência crítica e de aquisição de poder".

A industrialização e a conseqüente urbanização trouxeram para nosso país, mudanças sociais que afetaram a estrutura da família e os critérios de participação no mercado de trabalho, originando modificações dos padrões e valores culturais a nível da sociedade e do próprio comportamento individual.

A maior preocupação com o ajustamento dos jovens na sociedade brasileira, e com os demais problemas sociais cada vez mais graves, a que estão submetidos esses grupos e a inadequada política, contribuem para o excedente desajuste e as precárias condições de vida a que são submetidos os índices de população idosa do país.

Segundo BEAUVOIR (1970), "o estatuto da pessoa idosa é imposto pela classe dominante da nossa sociedade, a qual conta com a cumplicidade de toda população ativa".

A concentração de idosos nos grandes centros urbanos, contribui para um problema social, pois acarreta problemas de distribuição de renda e da reestruturação do idoso na sociedade.

A sociedade valoriza somente o potencial produtivo das pessoas e encara o idoso como uma pessoa inútil e pouco criativa.

Com isso, podemos constatar que a pessoa idosa necessita estar inserida na sociedade quer dizer, necessita pois, participar, lutar por seus direitos de cidadão.

E a população idosa se eleva cada vez mais. Graças às descobertas científicas, às melhores condições de saúde, aumenta a longevidade da população dessa faixa etária.

Segundo estatística, os familiares e a sociedade como um todo, baseados na estimativa de percentual de idosos, no ano 2000, haverá, aproximadamente cerca de 14 milhões de pessoas com mais de 60 anos de idade.

O que, para nós, será motivo de orgulho, se levarmos em conta o crescimento e os valores atribuídos à terceira idade, com novas perspectivas de vida, inseridos, merecidamente, no contexto social a que fazem jus, depois das metas experiências e dificuldades vividas.

Segundo censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostramos uma tabela de distribuição da população de 60 anos e de mais idade.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DE 60 ANOS E MAIS DE IDADE, POR SEXO, SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE - 1950/1991

GRUPOS DE IDADE	DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO FEMININA DE 60 ANOS E MAIS DE IDADE				
	1950	1960	1970	1980	1991
TOTAL.....	1.139.330	1.665.878	2.420.217	3.802.549	5.791.280
60 A 64 ANOS.....	459.945	677.347	887.874	1.257.723	1.921.257
65 A 69 ANOS.....	258.308	384.729	611.760	1.046.452	1.467.717
70 ANOS E MAIS.....	421.179	603.802	920.583	1.498.374	2.402.306
PERCENTUAL DAS PESSOAS DE 60 ANOS E MAIS.....	4.38	4.76	5.17	6.35	7.79
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS PESSOAS DE 60 ANOS E MAIS.....	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00
60 A 64 ANOS.....	40.36	40.88	36.68	33.08	33.17
65 A 69 ANOS.....	22.67	23.09	25.28	27.52	25.34
70 ANOS E MAIS.....	36.97	36.25	38.04	39.40	41.49

GRUPOS DE IDADE	DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO MASCULINA DE 60 ANOS E MAIS DE IDADE				
	1950	1960	1970	1980	1991
TOTAL.....	1.058.121	1.646.542	2.295.991	3.413.468	4.931.425
60 A 64 ANOS.....	474.248	720.068	903.253	1.187.862	1.715.601
65 A 69 ANOS.....	255.645	398.449	604.750	928.474	1.308.343
70 ANOS E MAIS.....	328.030	528.025	787.988	1.243.132	1.907.481
PERCENTUAL DAS PESSOAS DE 60 ANOS E MAIS.....	4.08	4.69	4.95	5.77	6.80
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS PESSOAS DE 60 ANOS E MAIS.....	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00
60 A 64 ANOS.....	44.82	43.73	39.34	34.80	34.79
65 A 69 ANOS.....	24.18	24.20	26.34	28.78	26.53
70 ANOS E MAIS.....	31.00	32.07	34.32	36.42	38.68

Atualmente no Brasil estima-se um percentual de 7,1% de pessoas com mais de 60 anos de idade, o que representa em números absolutos, cerca de 11 milhões de pessoas. Como salientamos anteriormente, as previsões para o ano 2000 ultrapassam esse percentual.

Valendo-nos desses altos índices de crescimentos da população idosa em nosso país, podemos admitir o quanto é essencial o valor da criação de novos espaços para essa população, que a partir do momento que envelhece, não possuem mais lugar junto à sociedade.

Hoje, iniciativas de Instituições Públicas e Privadas, através de ações em favor da terceira idade, criam grupos de convivência afim de que através do trabalho grupal, incentivem esses idosos a conquistarem, com a ajuda de sua participação, sua auto-estima.

Assim, conquistada novamente a sua motivação, o idoso encontrará o seu "espaço", e com isso, subseqüentemente, poderá melhor interagir em sua comunidade.

É sobre o convívio grupal, o trabalho com grupos de idosos, que falaremos no 2º Capítulo.

Verifica-se, segundo FRAIMAN (1988), que há uma tendência de feminilização da população idosa - uma vez que as mulheres sobrevivem em média, de 6 a 8 anos, aos homens, e que se casam com homens, em média 6 a 8 anos mais velhos que elas, vivendo uma viuvez de cerca de 10 a 20 anos. Sobrevivem, então como afirma a autora, mulheres independentes economicamente de seus parceiros, mulheres sem profissão e sem papel profissional definido.

E é, então, sobre a questão da viuvez feminina, que nos deteremos agora.

1.2. - O Fenômeno da Viuvez

Em que consiste a "essência feminina"?

É sob o ponto de vista dominante do sexo masculino que essa dita essência nos é definida e estabelecida como estereótipo ao qual as mulheres, conscientes ou não, procuram adaptar-se.

Segundo MURARO (1966), "o comportamento feminino não é biológico nem psicologicamente pré determinado, mas é sobretudo, um dado cultural".

Segundo ROSALDO (1979), "somos herdeiros de uma tradição sociológica que trata a mulher como essencialmente desinteressante e irrelevante, aceitando como necessário, natural e profundamente problemático o fato de que em toda a cultura humana, a mulher de alguma forma é subordinada".

Desde a antigüidade, a mulher já era vista como um ser inferior.

Com a evolução dos tempos, até à época atual, a mulher obteve várias conquistas em campos destinados em nossa sociedade, mas o que podemos constatar

apesar disto tudo, é que a mulher, em muitos casos é vítima de preconceitos e restrições.

Contudo, de modo geral, não devemos prescindir o valor das mulheres, muito embora, nem todas, tenham ricas experiências que nos passam ser legadas, dependendo, obviamente, do grau de instrução, do meio em que viveram, da educação e de uma série de contextos, relacionados com a vida de cada uma em particular.

É inevitável que um casamento termine com a morte de um dos cônjuges.

Segundo o que evidencia estudos demográficos de nossa sociedade, a média de vida do homem é sempre inferior à das mulheres. Segundo WAGNER, "uma pesquisa realizada nos EUA, diz que a mulher de 55 anos tem 54% de probabilidade de ficar viúva, se seu marido for 5 anos mais novo, 64%, se o marido for 5 anos mais velho e 80% se seu marido for 10 anos mais velho. Entre as idades de 65 a 74 anos de idade, a proporção de homens é de 78 para cada 100 mulheres. Acima de 74 anos, existem apenas 65 homens para 100 mulheres".

No Brasil, podemos observar, por aproximação, e chegaremos à conclusão de que este fenômeno se repete - somente com uma questão a ressaltar - que em nosso país, isto acontece com idades menores. A média de vida no Brasil é de 10 anos a menos que nos EUA.

O que podemos constatar com isso, é que o número de viúvas aumenta cada vez mais em relação ao número de viúvos.

Segundo WAGNER, "a viuvez, por mais que um casal esteja consciente que possa ocorrer a um dos cônjuges, não é caracterizada como uma situação esperada".

O estado de viuvez sempre vem seguido de problemas.

Com a morte de um dos cônjuges, há uma ruptura na relação do casal. Perde-se algo mais que a pessoa querida, fica vago o papel do membro da família.

Para WAGNER, "além da perda afetiva, ocorrem as perdas sociais, e em alguns casos vem seguida de dificuldades econômicas".

Muitas mulheres, ao ficarem viúvas, numa sociedade patriarcal, onde por exemplo, a administração de bens, a participação na vida econômica ficam a cargo do marido, vêm-se totalmente despreparadas e desprotegidas, com relação aos problemas que, inevitavelmente, hão de vir.

O acesso a lugares públicos, como por exemplo, bares, restaurantes, cinemas se torna muito mais difícil para a mulher viúva. O preconceito perante a sociedade começa por aqui.

Há preconceitos em relação à mulher viúva, referida ao mercado de trabalho, principalmente se a mesma possuir idade mais avançada.

Também, segundo a autora, "ressaltamos que após a morte de um do cônjuge, o companheiro poderá sofrer sintomas físicos quando não houver apoio suficiente das pessoas que o cercam, por exemplo - conseqüentemente, o indivíduo, depois de muito sofrimento, poderá em dias, semanas ou meses, sofrer uma morte "natural"".

Outra conseqüência muito importante que resulta, muitas vezes, com viuvez, é o suicídio. A solidão e a tristeza, a falta, podem provocar muitas vezes o suicídio.

Em muitos casos, após enviuvar, a mulher se culpa, por um motivo ou por outro pela morte do marido. Em alguns casos, começa até por criticar os "outros" como se fossem culpados pela morte do companheiro.

Contudo, além dos sentimentos de pura tristeza e dor, há aquelas pessoas que se sentem aliviadas com a morte do esposo, decorrente das manifestações de abandono, violência e desprezo que sentiram por parte do marido.

Segundo WAGNER "em nosso meio social, em que a pessoa viúva vive, ou que sobrevive, as atividades e papéis da mesma são regidos pela sociedade em geral".

O tempo de luto é imposto pela sociedade, muito embora depende da personalidade da pessoa usá-lo ou não.

Muitos viúvos são vistos como ameaça no meio social. Quando jovens, são vistos como ameaça à vida dos casais e, quando mais velhos, são vistos meramente como indesejáveis e rejeitados socialmente.

No caso de a viuvez ocorrer, quando a mulher tiver idade mais avançada, o que ocorre é que a condição de viuvez dependerá da ligação de sua família e a de seu marido. Os casais mais velhos não mantêm, segundo a autora, contatos sociais com outros casais da mesma idade, então restringe-se ao meio familiar.

Ainda outra questão relacionada com uma possível nova convivência entre o homem viúvo e a mulher viúva, diz respeito aos filhos. Quando o viúvo tem filhos, crianças ou mesmo adolescentes, a mulher tende a ter disposição de aceitá-los. O que não ocorre quando às mulheres têm filhos pequenos, pois muitas vezes os homens os rejeitam.

Em nossa sociedade quando nos referimos à viuvez do homem ou da mulher, devemos ter o cuidado de analisar, pois cada caso é um caso e a sociedade deve com certeza, respeitar não só os sentimentos, mas os direitos provenientes deste estado de viuvez.

No 2º capítulo, relataremos nossa experiência com grupos de convivência no SESC - Serviço Social do Comércio - dos quais participavam mulheres idosas e ainda, como constatamos, através de pesquisa empírica, se tratam de mulheres viúvas.

CAPÍTULO II

A EXPERIÊNCIA COM MULHERES VIÚVAS NOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA DO SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC

2.1. - Considerações sobre o Serviço Social do Comércio - SESC

O Serviço Social do Comércio - SESC - é uma entidade privada de âmbito nacional, criado em 13 de Setembro de 1946, pelo Decreto-Lei nº 9.853, pelo então presidente General Eurico Gaspar Dutra.

O SESC foi criado em um momento marcado por transformações importantes a nível econômico, social e político do país.

Com o término da II Guerra Mundial, se agravava ainda mais o problema do subdesenvolvimento em nosso país.

O período que antecedeu à criação do SESC, foi marcado pelo crescimento dos centros urbanos e pelo desenvolvimento do processo de industrialização.

Com a expansão da produção da produção industrial, ocorre a urbanização e a exploração da força de trabalho, acompanhadas por um declínio salarial intenso.

Como consequência do processo de industrialização, levas de migrantes ocorreram para os grandes centros urbanos, superando a capacidade de absorção de mão-de-obra pelas indústrias.

Problemas de infra-estrutura, transportes e abastecimento, somavam-se aos problemas de alimentação, saúde, assistência médica e educacional. Constituindo

assim, esse problema social e político, causado por esses grandes contingentes populacionais agora, desempregados e marginalizados pela sociedade.

Como alternativa de harmonizar e apaziguar a relação entre o capital e o trabalho, os representantes das classes produtoras elaboram a "Carta da Paz Social", fruto de um seminário realizado em Teresópolis em maio de 1945.

Os empresários constataram que, para se chegar à almejada paz social, seria necessário que fosse aumentado o poder aquisitivo da população, favorecendo assim, o fortalecimento do mercado interno do país.

Os entendimentos entre o Governo Federal e o Empresariado Nacional contribuíram para a redistribuição de renda indireta, através da prestação de serviços sociais que visavam atender às necessidades de sobrevivência da população.

Uma vez havendo urbanização, houve necessidade de se criar um órgão que estivesse direcionado ao comércio, mais especificamente aos comerciários, como forma de eliminar a insatisfação existente na época.

Como resultado, então, da "Carta da Paz Social", o SESC é criado com a finalidade de planejar e executar medidas que colaborassem para o bem estar social e a melhoria do padrão de vida dos comerciários e de suas famílias, visando com isso, o aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade.

No final da década de 40 e década de 50, diversos setores começaram a abrir campo de trabalho para as assistentes sociais.

O Serviço Social atuava de forma a pacificar os conflitos providos da relação entre o governo e a população, desenvolvendo programas assistenciais, como forma de satisfação das demandas sociais.

Os comerciários, devido às dificuldades com as quais se deparam e de acordo com as suas condições de vida, recorrem aos serviços prestados pelo SESC, como forma de garantir a satisfação mínima de suas necessidades. Assim, muitos programas assistencialistas foram desenvolvidos, o que gerou contudo, o assistencialismo, que tem sua origem no uso de serviços como meio de dominação.

Simultaneamente a esta trajetória histórica, a categoria profissional de serviço social passa pela revisão da ação profissional.

Este período, demarcado a partir da década de 60, é denominado pela literatura acadêmica como a da "Reconceituação do Serviço Social".

Deste modo, o movimento de Reconstituição, levou os profissionais de Serviço Social a buscarem novos direcionamentos para a prática profissional e novos fundamentos teóricos para a ação desenvolvida nas diferentes instituições.

A entidade, desde sua fundação, vem procurando aperfeiçoar os serviços que presta aos comerciários, e com o tempo, passou da postura assistencial para a educacional, colocando-a sempre como instrumento básico de sua ação.

Em Santa Catarina, o SESC foi criado em 29 de Setembro de 1948, presidido por Charles Edgar Moritz, em Florianópolis. E foi a partir de 1959, que o SESC começou a implantar os centros de atividades no Estado.

Atualmente o Departamento Regional do SESC de Santa Catarina possui 11 (onze) Centros de Atividades, localizados nas diversas regiões do Estado, identificados pelas siglas:

FLORIANÓPOLIS	- CAF
BLUMENAU	- CABL
BRUSQUE	- CABR
CHAPECÓ	- CACH
CRICIÚMA	- CACR
ITAJAÍ	- CAI
ESTREITO	- CAE
JOINVILLE	- CAJ
LAGES	- CALA
LAGUNA	- CALU
TUBARÃO	- CAT

Possui também, 2 (duas) Colônias de Férias, uma localizada em Blumenau e outra em Cacupé - Florianópolis, e ainda, um restaurante do comerciário, localizado junto do CAF.

O Centro de Atividades de Florianópolis desenvolve programas que por sua vez, são constituídos por atividades/projetos e estes dentro de suas especialidades, por inúmeras atividades.

O Serviço Social do Comércio desenvolve 3 programas: Cultura, Saúde e Assistência, composto de sub-programas e atividades/projetos, como destacamos anteriormente, e que citaremos a seguir:

Programa de Cultura:

- **Desenvolvimento Físico e Esportivo:** Procura desenvolver potencialidades físicas, através de atividades de iniciação competitivas como também lúdicas.

- **Biblioteca:** Incentiva o hábito pela literatura, realizando também eventos culturais e aquisição de conhecimentos.

- **Recreação:** Oportuniza atividades de recreação, através de programas de excursões, passeios, jogos de salão, reuniões dançantes e outros.

- **Recreação Infantil:** (Pré-escolar e Habilidades de Estudo): O Pré-escolar atende crianças, de 3 a 6 anos, possibilitando o desenvolvimento de atividades orientadas, e a Habilidades de Estudos que realiza atividades com crianças, de 7 a 12 anos, no período extra escolar.

- **Expressão Artística:** Procura potencializar aqueles que se identificam com as artes.

- **Desenvolvimento Artístico e Cultural:** Promove artes e suas formas de expressão, enfatizando cultural popular.

Programa de Saúde:

- **Lanches e Merendas:** Orientadas para crianças da recreação pré-escolar, oferece lanches para as mesmas, com custo acessível, contribuindo para sua alimentação adequada.
- **Assistência Odontológica:** Visando o tratamento preventivo e curativo, presta assistência odontológica aos comerciários e dependentes.
- **Educação para Saúde:** Realiza atividades na área da prevenção e conscientização à saúde através de cursos, palestras, campanhas, mostras e práticas educativas com crianças e adultos.
- **Assistência Médica:** Realiza consultas médicas periódicas na clientela que frequenta atividades desportivas, bem como para o uso da piscina na Colônia de Férias de Cacupé.

Programa Assistência:

- **Cursos Supletivos:** É direcionado àqueles que não iniciaram ou não concluíram o ensino regular em tempo hábil.
- **Cursos de Atualização de Conhecimentos:** Proporciona aperfeiçoamento de desempenho das atividades profissionais e domésticas.
- **Trabalho com Grupos:** Através de atividades diversificadas, contribui com relacionamento interpessoal.

No decorrer do trabalho, enfocaremos mais detalhadamente este programa por termos realizado aí, nossa experiência de estágio.

O Centro de Atividades de Florianópolis - CAF, desde 1978, quando formou o primeiro Grupo de Idosos, procurou elaborar e executar projetos/programas, envolvendo essa faixa etária.

O grupo tornou-se, desde então, elemento fundamental do processo de integração social da pessoa idosa à vida social e comunitária.

Atividades culturais, sociais, recreativas e filantrópicas desenvolvem-se com vistas à participação social do idoso.

A Entidade, pois, desenvolve estas atividades partindo do lazer, principal fundamento para se trabalhar com as pessoas que compreendem essa faixa etária, segundo opção da própria Instituição¹.

A respeito do lazer:

“uma ocupação não obrigatória , de livre escolha do indivíduo que a vive e cujos valores propiciam condições de desenvolvimento pessoal e social” (SESC - Boletim de Intercâmbio, 1971).

O lazer, fator indispensável no trabalho com idosos, é um importante instrumento que o homem possui a fim de que possa viver bem consigo e com a sociedade, fazendo com que o mesmo se sinta valorizado e capaz, apesar da idade.

O Centro de Atividades de Florianópolis - CAF - proporciona a seus Grupos de Idosos, atividades de lazer de acordo com os interesses de cada grupo.

A seguir destacaremos algumas dessas atividades, com fotos, seguidas de breves comentários.

¹ Em relação a maiores esclarecimentos acerca do trabalho que o SESC realiza, ver bibliografias na própria Instituição

FOTO: Apresentação artística - Tributo à Carmem Miranda, na Colônia de Férias de Cacupé, em Florianópolis - com a participação de três idosos.

O SESC desenvolve um Projeto - desenvolvido na Colônia de Férias de Cacupé, em Florianópolis - conhecido como "O Idoso em Movimento"; onde através de atividades diversas, provoca a reflexão entre os grupos e o melhor entrosamento entre os mesmos.

Geralmente o Projeto realiza-se duas vezes ao ano e o número de idosos que participam de cada etapa, ultrapassa mais de cem pessoas.

Passamos dois dias na Colônia, onde dentre as diversas atividades programadas, como passeios, palestras e bailes, estão as apresentações artísticas, onde idosos mostram sua criatividade e talento.



FOTO: Apresentação de dramatização - Projeto "Era Uma Vez..", participação de crianças e idosa no pátio do CAF - Centro de Atividades de Florianópolis.

O Projeto "Era Uma Vez..", é desenvolvido com a participação de crianças de 7 a 12 anos - que desenvolvem durante um período, atividades extra-classe no CAF - e com idosos, juntamente com Assistente Social, coordenadora da biblioteca e coordenadora do setor de educação.

O programa do projeto relaciona-se com a leitura de livros - sob a responsabilidade da bibliotecária - seguida de discussões acerca do mesmo.

É aqui que o idoso, recorda fatos do passado, e os repassa ao grupo, também, como atividades programáveis, estão as dramatizações, acerca do assunto abordado nos livros, bem como, passeios a vários lugares.

Contudo, o Projeto "Era Uma Vez..", tem como principal objetivo, proporcionar o desenvolvimento de atividades intergeracionais, favorecendo assim, o melhor relacionamento entre crianças e idosos.



FOTO: Apresentação da peça teatral da CAF - "ESPERANÇA E GLÓRIA", com a participação de idosos, no TAC - Teatro Álvaro de Carvalho, de Florianópolis.

Além das diversas atividades desenvolvidas com os idosos do CAF, o coordenador de expressões artísticas formou uma peça teatral, onde os mesmos exibem seus talentos.

O espetáculo é intitulado como "Esperança e Glória" e se apresenta a toda a comunidade.

Também, como não podemos deixar de comentar, é sobre os bailes promovidos por grupos de convivência do CAF.

Esses bailes, abertos a outros grupos e à comunidades, tem como responsáveis, os integrantes de um dos grupos, onde além do som, ao vivo, são vendidos doces, salgados e refrigerantes, com o intuito de arrecadar fundos para o grupo, e também oportunizar a confraternização entre as pessoas.



FOTO: Palestra sobre Depressão e Memória realizada no Auditório do CAF.
Palestra promovida aos grupos de Terceira Idade do SESC, tendo como principal objetivo, o esclarecimento de questões sobre determinado assunto, provocando a reflexão dessas pessoas.



FOTO: Bingão realizado no Convívio da Terceira Idade, do CAF.
São realizados bingos abertos à comunidade, - uma média de 180 pessoas participa - sob a responsabilidade de um dos grupos.
O objetivo desses bingos é arrecadar fundos para o grupos, bem como, oportunizar a confraternização dos grupos, com amigos e familiares.



FOTO: Baile realizado no Convívio da Terceira Idade do CAF.



FOTO: A foto nos ilustra uma aula de ginástica, chamada VIVÊNCIA CORPORAL. A ginástica, que é ministrada por uma professora de Educação Física, envolve todos os tipos de música.



Esta atividade pretende favorecer a saúde do idoso, valendo-se da importância do exercício físico para qualquer pessoa, independente dessa faixa etária.

Valendo-se dessas ilustrações, pretendemos mostrar o quanto a pessoa idosa é capaz, útil e criativa, nas mais diversas atividades, por nós evidenciadas.

No item a seguir, abordamos a questão da importância do trabalho grupal para os idosos, a fim de que, os mesmos se realizem, através da participação, como cidadãos e pessoas que são.

2.2. - O Grupo: Instrumento de Intervenção do Serviço Social.

O ser humano tem necessidade de conviver com seus semelhantes. Segundo Aristóteles, é característica do próprio homem, a sua sociabilidade.

Sendo um animal social, o homem não adota, pois, a solidão como forma normal de vida. O homem, não procura ficar completamente isolado para viver.

Na medida em que vive com outros indivíduos da mesma espécie, envolve-se nos destinos de seu "grupo".

Como vive em sociedade, nada mais natural que o ser humano, animal social e político que é, participe dos destinos de sua família, de sua escola, de sua Igreja, de sua nação, de seu estado, enfim, das Instituições das quais é parte integrante.

Nada mais natural, também, que o ser humano vá em busca do conhecimento, que possibilite a compreensão do mundo em que vive e das pessoas que o cercam.

Contudo, desde o seu nascimento, e, ao longo de sua existência, o homem irá sempre pertencer a algum ou a muitos grupos sociais.

Podemos caracterizar um grupo, como sendo uma reunião ou conjunto de pessoas, que formam um todo, pessoas estas, reunidas para um determinado fim comum.

Segundo TORRES (1985), "os grupos existem para satisfazer as diversas necessidades que os seres humanos possuem e que os mesmos não poderiam resolver sozinhos".

Contudo, além das necessidades biológicas, os indivíduos precisam identificar-se, relacionarem-se, e aí sim, pertencerem a uma sociedade.

Para TORRES (1985), o processo de identificação social começa dentro do grupo familiar. Os elementos, componentes da família, vão se identificando com os parentes, assumindo valores, princípios, interesses e atitudes comuns. Esta identidade contudo, favorecerá o desenvolvimento de uma personalidade sadia e a possibilidade de uma melhor integração social.

TORRES (1985), "classifica os grupos humanos em duas grandes categorias: os grupos primários e os grupos secundários".

Os grupos primários têm uma influência decisiva na vida das pessoas. É o grupo que lhe dá origem e, conseqüentemente, aquele do qual ele depende mais e com quem, efetivamente, tem mais compromisso.

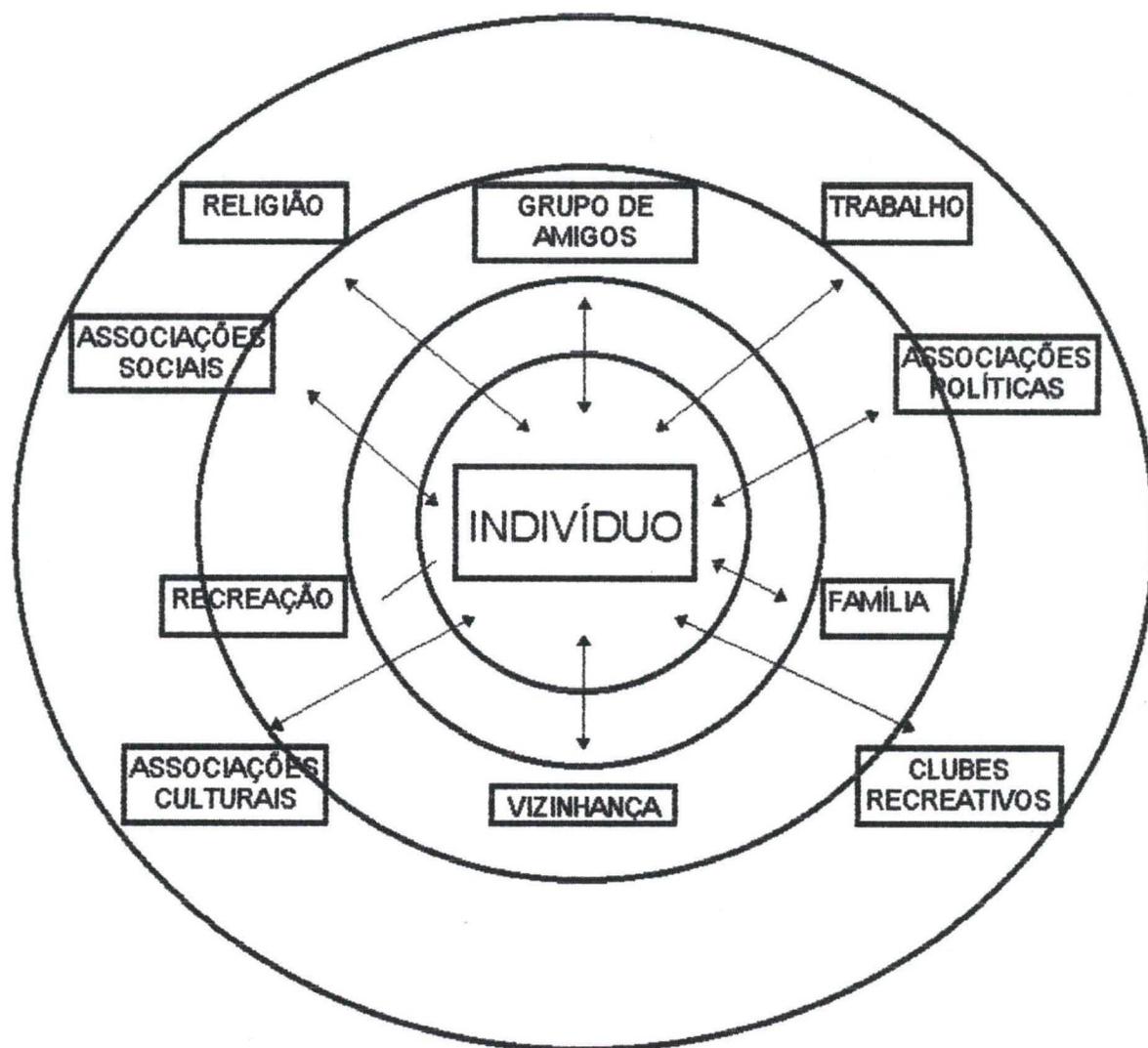
Segundo a autora, "o principal grupo primário é a família, responsável principal pela formação que permite ao indivíduo viver bem, em uma determinada sociedade".

De acordo com TORRES (1985), "com a evolução da sociedade, muitas das funções que eram atribuídas apenas as famílias, tiveram que ser estendidas a outros grupos sociais".

É por esta razão que os grupos secundários são os grupos maiores - escolas, empresas, associações culturais e religiosas, os grupos de ação social e outros, onde os homens possam se realizar.

Ainda, segundo TORRES (1985), todo indivíduo é sempre e para sempre membro de grupo, como nos ilustra no quadro a seguir.

GRÁFICO INDICANDO O INDIVÍDUO COMO MEMBRO DE GRUPO



Assim como o grupo faz parte da vida do indivíduo, ressaltamos a importância do papel do grupo na vida de pessoas idosas.

O idoso é um ser inteligente e criativo. É necessário que a pessoa idosa sinta-se capaz, que a mesma possa, evidenciar sua potencialidade perante o meio em que vive.

O grupo então, surge como um recurso capaz de fazer com que o idoso satisfaça suas necessidades e que o mesmo se sinta fortalecido a ponto de, em conjunto, tomar decisões e realizar projetos.

“Os grupos são o meio através do qual as pessoas mais velhas pertencem a algo maior que elas próprias ou de sua família. Servem como canal através do qual o indivíduo pode agir em uníssono com os demais para expressar um ponto de vista, realizar tarefas, usufruir experiências que só são possíveis através de grupos e se fazer ouvir na comunidade e no mundo, sentir-se útil e vivo”(KONOPKA, 1972:276).

Em resposta, portanto a um suposto isolamento social, surgem os grupos de convivência de idosos, que têm como principal objetivo, a motivação e a interação do indivíduo, novamente, no meio social em que vive.

“Utilizando-se do processo de grupo, o Serviço Social busca a dinamização de relações de seus membros, mobilizando suas aptidões e capacidades na consecução de objetivos comuns ou externos do grupo. Favorece o desenvolvimento pessoal de cada participante no que se refere a sua capacidade de dar e receber, de analisar situações, concluir e deliberar em conjunto, de assumir responsabilidades, partilhar com outros, de exercer e receber lideranças”. (SESC, 1985, p.11).

Para o Serviço Social, a idéia de grupo refere-se a reunião de indivíduos, formada pela própria vontade de seus membros ou por influência de agentes externos, que reúne-se freqüentemente, com objetivos e interesses comuns.

Segundo MOTTA (1971), “em nossa sociedade existem vários tipos de grupos que podem ser objeto de atuação do Assistente Social”.

A seguir, MOTTA (1971), identifica-nos três tipos principais de grupos:

- **Grupos de Desenvolvimento Social:** através dos quais, as pessoas são ajudadas a atingir o maior grau de maturidade, tendo como objetivo a satisfação social, promoção individual e relacionamento social construtivo.

- **Grupos de Solução de Problemas de Relacionamento Social:** as pessoas são ajudadas a vencer os bloqueios para o relacionamento social. Esses grupos

possuem como objetivos, a solução de problemas pessoais, de relacionamento social.

- **Grupos de Ação Social:** através dos quais, as pessoas recebem ajuda para participar, efetivamente, nas soluções de problemas do meio em que vivem.

Portanto, é na prática, que o Assistente Social atua nas várias situações pelas quais passam os grupos. O profissional, contudo, ajuda os membros desse grupo a enfrentar quaisquer dificuldades, bem como, no desenvolvimento social do mesmo, fazendo com que essas pessoas participantes do grupo, possam contribuir de alguma maneira, ao meio em que vivem.

Em todos os três tipos de grupos citados anteriormente, é essencial a participação de seus membros, não somente no que diz respeito às atividades, mas a todo o processo da vida grupal.

Segundo BORDENAVE (1987), "a participação é o caminho natural para que o homem exprima sua capacidade de fazer coisas, de afirmar-se a si mesmo e assim, dominar a natureza e o mundo".

Portanto, é no grupo que a pessoa idosa tem a oportunidade de participar de atividades diversas, as quais favorecerão a mesma, na motivação, fazendo com que o idoso sinta-se, novamente, inserido na sociedade.

BORDENAVE (1987), nos cita quatro tipos de participação:

- **Participação de Fato:** é o primeiro tipo de participação que exercemos, que é, na família, na igreja, em nosso trabalho e recreação.

- **Participação Espontânea:** é aquela que leva os homens a formarem grupos que satisfazem suas necessidades psicológicas de pertencer, expressar-se, receber e dar afeto, obter reconhecimento e prestígio. Ex.: grupos de vizinhos, amigos.

- **Participação Imposta:** a qual o indivíduo é obrigado a fazer parte de grupos e realizar atividades consideradas dispensáveis. Ex.: fazer parte do exército.

- **Participação Voluntária:** é quando o grupo é criado pelos próprios participantes, que definem sua organização e estabelecem seus objetivos e métodos de trabalho. Ex.: sindicatos livres, partido político.

Como podemos observar existem várias formas de participar, e sempre que participamos, estamos fazendo parte de algum tipo de grupo, seja ele, natural ou organizado.

Para RODRIGUES (1978), "a participação realmente ocorre quando as pessoas conferem a seu trabalho, o sentido de uma ação consciente, em prol de seu desenvolvimento, no grupo e na sociedade em que se inserem".

Contudo, é através da participação nos grupos de convivência, que os idosos vão se sentindo mais valorizados como seres humanos, passando assim a se conscientizarem, de que suas atuações na sociedade a enriquece; e certamente, contribuirá no sentido de sua humanização.

"... a maior força para a participação é o diálogo. Diálogo, aliás, não significa somente conversa. Significa se colocar no lugar do outro para compreender seu ponto de vista; respeitar a opinião alheia; aceitar a vitória da maioria; pôr em comum as experiências vividas, sejam boas ou ruins; partilhar a informação disponível; tolerar longas discussões para chegar a um consenso satisfatório para todos". (BORDENAVE, 1990:50).

O diálogo, porém, deve ser entendido numa posição de horizontalidade, quer dizer, é necessário que o homem seja capaz de se perceber como alguém que sabe e de admitir, que outras pessoas também têm a mesma possibilidade. É necessário, portanto, que nenhum sujeito participante se sinta superior a outrem.

Segundo FREIRE (1980), 'o diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo".

Contudo, é através do diálogo que o homem encontra seu significado enquanto homem; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial.

Para FREIRE (1980), "o verdadeiro diálogo não pode existir se os que dialogam não se comprometem com o pensamento crítico; pensamento que percebe a

realidade como um processo de evolução, de transformação, e que não se separa da ação”.

Então, é, a partir da prática e da reflexão, que pessoas passivas se transformam em pessoas mais ativas e críticas perante qualquer situação por elas deparadas.

Portanto, é a participação e o diálogo que levam o homem a um processo de conscientização.

A conscientização tem para FREIRE, como ponto de partida, a busca do homem - sujeito, capaz de refletir sobre sua situação e emergir plenamente consciente comprometido e pronto a intervir na realidade, a fim de mudá-la.

Entretanto, é através da conscientização, do processo de tomada de consciência, que o homem descobre as melhores maneiras de constituir-se como sujeito, que reflita criticamente e contudo, lute para transformar a realidade a qual está inserido.

Como citamos anteriormente, esses grupos, com os quais atuamos - grupos de mulheres, as quais em sua maioria são viúvas - são grupos ditos de desenvolvimento social, “grupos através dos quais as pessoas são ajudadas a atingirem o maior grau possível de maturidade social”.

Nossa prática de estágio junto aos grupos de convivência do SESC, proporcionou-nos o aprofundamento da questão da significação da vida dessas mulheres, quando as mesmas deparam-se com a viuvez, bem como a importância do trabalho grupal como meio de promover a participação junto a essas mulheres, como passaremos a descrever no próximo item.

2.3. - Compreensão do Fenômeno da Viuvez e da Participação nos Grupos de Convivência.

A partir desta observação, de que as participantes dos grupos em que atuamos, em sua grande maioria, eram mulheres idosas e viúvas, decidimos realizar uma pesquisa empírica qualitativa, através de uma análise compreensiva, acerca de situações vivenciadas por essas mulheres.

Através de depoimentos, procuramos resgatar então, a significação dessa ruptura, causada pela viuvez e a importância do trabalho grupal como forma de vivenciar através da participação, o processo de sociabilidade.

Através de entrevistas abertas e, sobretudo, através do diálogo, como forma de mediação do encontro, nossa pesquisa desenvolver-se-á, fundamentada num conhecimento intersubjetivo.

Primeiramente, antes de iniciarmos com os depoimentos, relataremos alguns dados sobre os grupos com os quais atuamos.

Nossa prática de estágio se deu a partir de 06 (seis) grupos de idosos que têm como soma 230 (duzentos e trinta) participantes, ressaltando, contudo, que dessas 230 (duzentos e trinta) mulheres - 156 (cento e cinquenta e seis) são mulheres viúvas.

Queremos contudo ressaltar, que o SESC possui ainda 02 (dois) grupos de casais, que participam dessas mesmas atividades.

A seguir, apresentaremos 02 (duas) tabelas sobre os grupos de convivência do SESC. Na tabela de número 1, relacionamos o nome dos grupos e ressaltamos o estado civil em que se encontram essas mulheres. E na tabela de número 2, destacamos a procedência dessas mulheres viúvas, que freqüentam esses grupos.

TABELA Nº 1

GRUPO	ESTADO CIVIL DAS MULHERES				PARTICIPANTES
	VIÚVA	DIVORCIADA /SEPARADA	SOLTEIRA	CASADA/ AMAZIADA	
FRATERNIDADE	29	04	-	08	41
AMIZADE	34	01	-	-	35
REVIVER	34	03	01	10	48
ESPERANÇA	26	04	02	12	44
VIDA	27	02	-	08	37
RENASCER	06	03	01	15	25

Com os dados representativos na tabela anterior, verificamos que a maior parte das mulheres que participam dos grupos de convivência do SESC, são viúvas.

TABELA Nº 2

BAIRROS DA GRANDE FLORIANÓPOLIS	NÚMERO ABSOLUTO	NÚMERO RELATIVO
ABRAÃO	3	1,30%
AGRONÔMICA	21	9,13%
AGUAS MORNAS	4	1,74%
BARRA DO ARIRIÚ	3	1,30%
BARREIROS	9	3,91%
BELA VISTA	6	2,60%
CAMPINAS	5	2,17%
CAPOEIRAS	8	3,48%
CENTRO	56	24,34%
COQUEIROS	10	4,34%
COSTEIRA	4	1,74%
ESTREITO	16	6,95%
JARDIM ATLÂNTICO	6	2,60%
JOSÉ MENDES	4	1,74%
KOBRASOL	6	2,60%
PALHOÇA	6	2,60%
PANTANAL	4	1,74%
PRAINHA	9	3,91%
SACO DOS LIMÕES	4	1,74%
SANTO ANTÔNIO DE LISBOA	6	2,60%
SÃO JOSÉ	5	2,17%
TAPERA	4	1,73%
TRINDADE	11	4,78%
OUTROS	20	8,69%
TOTAL	230	100,00%

Analisando a tabela acima, podemos constatar que mais de 44% das mulheres que participam dos grupos de convivência do SESC, moram muito próximo ao mesmo, o que para elas facilita na locomoção e assiduidade nas reuniões semanais.

Começaremos então, agora, com a exposição dos depoimentos, dessas mulheres idosas e viúvas, com o principal objetivo de melhor conhecer-mos o sentido da vida para essas mulheres viúvas, bem como a importância do grupo como mediador no processo de interação do indivíduo à sociedade.

Os primeiros depoimentos selecionados, relacionam-se à participação do casal na vida social, e são precedidos pela seguinte pergunta:

“Como era caracterizada a participação do casal na vida social”?

A seguir, essas mulheres nos relatam:

“Sempre participávamos da vida social juntos. Íamos à Igreja sempre juntos. Ele também era católico”.(Sra. E. - Grupo Fraternidade).

“Participávamos do Rotary Clube de São José, Entidades Filantrópicas, Campanhas de Agasalho, sempre íamos a balles, casamentos, não perdíamos uma festa. Ele era católico. Sempre seguimos o catolicismo, participávamos sempre das missas juntos”. (Sra. P. - Grupo Vida).

“Sempre participamos da Igreja juntos”. (Sra. M. - Grupo Amizade).

Ressaltamos aqui, a importância expressa da participação na Igreja e também em outras atividades sociais.

Para BORDENAVE (1983), “o homem participa nos grupos primários, como a família, o grupo de amizade ou de vizinhança, e participa também dos grupos secundários, como as associações profissionais, sindicatos, empresas. Participa, ainda, dos grupos terciários, como os partidos políticos e movimentos de classe”.

Entretanto, desde a família, primeiro grupo social do qual participa, o homem está sempre engajado, através da participação em diversas atividades sociais.

É na Igreja, pois, que se dá também um engajamento comunitário. A Igreja, através de seus movimentos e atividades, favorece e estimula o indivíduo à participação.

Em contrapartida a esses depoimentos citados anteriormente, alguns outros revelaram que um número de casais, contudo, por algum motivo, não participavam da vida social juntos.

“Não íamos à Igreja juntos; ele não era católico. Fiquei sempre dentro de casa, só cuidando dos filhos”. (Sra. L. - Grupo Esperança).

“Não participávamos juntos da Igreja. Eu participava com meus filhos da vida religiosa. Nossos filhos foram batizados na Igreja”. (Sra. B. - Grupo Reviver).

“Meu marido não tinha religião, mas eu sempre fui católica. Não participávamos da vida social, pois ele não gostava. Ele viajava muito e eu ficava em casa com os filhos”. (Sra. S. - Grupo Amizade).

“Meu marido era militar, e eu era do lar. Meu marido não era católico, então não íamos à Igreja juntos. Não nos casamos na Igreja. Fiquei sempre dentro de casa, só cuidando dos filhos”. (Sra. L. - Grupo Amizade).

A não participação conjunta do casal em atividades sociais, foi referida, fundamentalmente, a não participação na vida da Igreja. As mulheres relevam aqui a restrição de sua participação à vida doméstica.

Os depoimentos, a seguir, referem-se a questão da maior dificuldade encontrada por essas mulheres com a perda do cônjuge.

Acerca disso, fizemos a seguinte pergunta a essas mulheres:

“Qual a maior dificuldade encontrada pela senhora, com a perda de seu marido?”

“Uma das grandes dificuldades que eu encontrei com a viuvez, foi que tive que morar com meu filho, pois eu e minha nora não entrosamos muito bem”. (Sra. A. - Grupo Vida).

“Minha maior dificuldade encontrada com a viuvez foi a solidão”. (Sra. T. - Grupo Amizade).

“A maior dificuldade que eu encontrei quando eu fiquei viúva, foi ficar sozinha”. (Sra. A. - Grupo Vida).

“A maior dificuldade por mim encontrada com a viuvez, foi que eu senti muito a falta dele”. (Sra. E. - Grupo Fraternidade).

“A solidão foi a maior dificuldade que eu encontrei com a viuvez”.(Sra. P. - Grupo Vida).

“Minha maior dificuldade ao ficar viúva, foi a grande falta de meu marido”.(Sra. B. - Grupo Reviver).

“Quando fiquei viúva, a maior dificuldade que encontrei, foi a dificuldade financeira. Ele já ganhava pouco, e quando ele morreu, me deixou aquele pouquinho. Meus filhos estavam todos em casa, a situação se tornou muito difícil”.(Sra. L. - Grupo Esperança).

A solidão foi revelada como um dos graves problemas na viuvez. A angústia, o medo do novo, fazem com que a pessoa alimente inseguranças nessa nova fase de sua vida.

Segundo WAGNER, apesar da tristeza, solidão, sentimentos depressivos que acompanham o estado de viuvez, surgem as perdas sociais, e além disso, para muitas pessoas, as dificuldades econômicas.

Nesse particular, muitas são as dificuldades com que se depara a pessoa viúva, principalmente se a mesma não possuir estabilidade financeira.

Descrevemos a seguir, as significações sobre a viuvez enunciadas por essas mulheres.

A partir da pergunta por nós elaborada, seguem os depoimentos:

“Qual o significado da viuvez para a senhora?”

“Prá mim, foi uma coisa que eu não queria que acontecesse, mas eu tenho tanta fé em Deus, que depois, eu aceitei. Não sou só eu que ficou viúva, né? (Sra. T - Grupo amizade).

“O significado da viuvez para mim é a tristeza”. (Sra. A - Grupo Vida).

“Eu não gosto desse termo, para mim é até pejorativo, é uma busca, é um renascer, um reviver, uma reconstrução a sós”. (Sra. P - Grupo Vida).

“A viuvez para mim é muito triste”. (Sra. M - Grupo Amizade).

“Até acho que foi melhor do que quando estava casada. O meu marido era muito ruim. Parecia que o mundo era só para ele”. (Sra. L - Grupo Esperança).

“É preferível a gente ser viúva é viver em paz do que viver casada e não viver. Eu sou muito de Deus. Que isso que aconteceu comigo, a viuvez, foi talvez uma coisa que era destinada a mim, que eu tinha que passar por isso. Eu aceitei numa boa, pois o que eu vou fazer, eu não iria me maldizer contra Deus, nem contra ninguém, porque eu tinha ficado viúva”. (Sra. L - Grupo Amizade).

“O que eu posso dizer sobre a viuvez, é que com meu marido, eu não tinha liberdade, eu não podia sair para nada. Para mim, que me conformei rápido com sua morte, minha vida está ótima, não podia estar melhor”. (Sra. S - Grupo Amizade).

“Eu não gostei de ficar viúva, o meu marido faz muita falta para mim”. (Sra. E - Grupo Fraternidade).

Apesar da dicotomia presente entre os depoimentos, acerca do sentido de ficar viúva, constatamos, entretanto maior aparecimento, entre as respostas, do sentimento de conformidade, referente dos estados de viuvez, por essas mulheres.

Contudo, as falas expressas revelam resignação, conformismo e aceitação da viuvez como sendo algo da vontade de Deus.

Algumas mulheres expressam um sentido de libertação do domínio e maus tratos dos maridos, outras, porém, revelam o sofrimento e a tristeza pela ausência do marido.

Acerca da questão do incentivo, ou não, da família para o ingresso dessas mulheres aos grupos de convivência do SESC, indagamos:

"Sua família lhe apoiou na entrada para o grupo do SESC?"

Eis os depoimentos:

"Quando enviuei, tentei me isolar para o mundo, depois meu filho único, me indicou entrar para o grupo do SESC". (Sra. A - Grupo Vida).

"Meus filhos me convenceram a ingressar no grupo do SESC". (Sra. T - Grupo Amizade).

"Meu filho me incentivou muito para a minha entrada no grupo". (Sra. A - Grupo Vida).

Através dos depoimentos, citados anteriormente, nos é revelado que é principalmente através do incentivo da família, que o idoso vem participar dos grupos de convivência.

Os depoimentos a seguir, relatam a importância, o principal objetivo que fizeram com que essas mulheres ingressassem nos grupos de convivência do SESC.

Indagamos essas mulheres com a seguinte pergunta:

"Qual o seu principal objetivo ao ingressar no grupo de convivência do SESC?"

E elas nos responderam:

"Procurei o grupo para fugir da solidão". (Sra. A - Grupo Vida).

"O meu principal objetivo ao ingressar no grupo foi para eu sair de casa, fazer alguma coisa, me distrair". (Sra. E - Grupo Fraternidade).

“O principal objetivo que eu tinha quando ingressei no grupo do SESC, era poder conversar com as pessoas, e ver que eu não era a pior das criaturas”. (Sra. P - Grupo Vida).

“O que eu esperava do grupo era a distração, queria conversar com as pessoas”. (Sra. L - Grupo Esperança).

“Procurei o grupo para me distrair”. (Sra. L - Grupo Reviver).

“Meu principal objetivo ao entrar no grupo, foi de poder sair de casa, fazer alguma coisa, me distrair”. (Sra. S - Grupo Amizade).

Através dos depoimentos aqui relatados, constatamos que o principal objetivo que levou essas mulheres a ingressarem no grupo, está relacionado com o lazer.

Portanto, a distração é essencial como forma de impedir que o indivíduo entre em depressão, e com isso, se isole socialmente.

Constatamos, pois, que a grande maioria dessas mulheres que ingressaram nos grupos do SESC, tinham como principal objetivo, fazer dessa vivência em conjunto, uma forma de superação da solidão.

Acerca das possíveis dificuldades encontradas no grupo, fizemos a seguinte indagação:

“A senhora se deparou com alguma dificuldade ao ingressar no grupo”?

E essas mulheres nos relataram:

“No começo, eu achei que não ia me adaptar, porque eu não tinha amiga, achei difícil. Mas depois, a gente foi se acostumando, a gente foi se entrosando”. (Sra. A - Grupo Vida).

“No início, fiquei meio ressabiada, não por ser viúva, mas por não ser de Florianópolis, mas depois de um tempo, eu superei isso, já comecei a gostar, não senti mais dificuldades para nada”. (Sra. T - Grupo Amizade).

“Me identifiquei muito com o grupo, sempre participei de todas as atividades junto ao grupo. Não tive dificuldades de relacionamento com as demais integrantes do grupo”. (Sra. E - Grupo Fraternidade).

“Acho que me identifiquei muito com o grupo. Não me deparei com dificuldades de relacionamento junto ao grupo”. (Sra. P - Grupo Vida).

“Me dei muito bem com as demais integrantes do grupo”. (Sra. E - Grupo Renascer).

“Me identifiquei bem com as demais integrantes do grupo”. (Sra. E - Grupo Renascer).

Com os depoimentos acima destacados, verificamos que essas mulheres, agora integrantes dos grupos de convivência do SESC, ao ingressarem nos mesmos, algumas tiveram dificuldades iniciais, por não conhecerem as demais integrantes ou por serem de outro lugar. E que contudo, as dificuldades encontradas foram superadas pela própria convivência grupal.

A seguir, destacamos a próxima indagação, feita a essas mulheres, a cerca da questão de serem as mesmas viúvas ou não ao ingressarem nos grupos. Vejamos a pergunta que se segue:

“Quando ingressou no Grupo de Convivência do SESC, a senhora já era viúva”?

Eis o que nos relataram:

“Quando eu ingressei no grupo, eu já era viúva”(Sra. E - Grupo Renascer).

“A viuvez fez com que eu tivesse mais vontade de entrar para o grupo”?
(Sra. E - Grupo Fraternidade).

“Quando eu ingressei no grupo, eu já era viúva”. (Sra. P - Grupo Vida).

“A viuvez teve muita influência na minha entrada no grupo do SESC”. (Sra. A - Grupo Vida).

“Não me deparei com preconceitos no grupo por ser viúva. No grupo haviam mais viúvas”. (Sra. M - Grupo Amizade).

“Não encontrei obstáculos quando entrei no grupo, por eu já ser viúva. Todas me acolheram muito bem”. (Sra. A - Grupo Vida).

“Aqui todas são amigas, gostei muito das pessoas que participaram do grupo”. (Sra. E Grupo Fraternidade).

Segundo as falas citadas anteriormente, verificamos que a maioria dessas mulheres ao ingressarem no grupo já eram viúvas, e que contudo, os grupos eram também compostos por pessoas viúvas, o que em nossa compreensão, favoreceu um processo de identificação, compreensão e mútua aceitação.

Descrevemos a seguir, as significações sobre os grupos de convivência do SESC enunciadas por essas mulheres, referentes a seguinte indagação, por nos colocada:

“Qual o significado do grupo de convivência do SESC, para a senhora?”

A seguir, seus depoimentos nos relatam:

“Com o grupo, eu estou renascendo. Eu achei que tinha que sair para rua, fazer algum curso, participar de algum grupo social”. (Sra. A - Grupo Vida).

“O grupo ajudou no preenchimento de uma parte desse espaço vazio. O grupo me ajudou muito, eu fiz novas amizades”. (Sra. E - Grupo Fraternidade).

“O SESC está me dando muitas coisas boas, porque eu gosto muito de viajar, a turma é muito boa”. (Sra. P - Grupo Vida).

“Obtive com o grupo, mudanças da noite para o dia”. (Sra. L - Grupo Amizade).

“O grupo preenche muito o espaço da perda”. (Sra. S - Grupo Amizade).

“O grupo é tudo para mim”. (Sra. A - Grupo Vida).

“Depois que eu entrei para o grupo, o mesmo me realizou uns “mil por cento”, e eu perdi a solidão”. (Sra. L - Grupo Amizade).

“Com o grupo eu me soltei”. (Sra. L - Grupo Esperança).

“Eu estou renascendo, eu estou aprendendo a gostar do que eu não gostava, porque há dois é uma coisa, e sozinha, a gente tem que gostar do que o grupo gosta, isso é que é importante. E é isso que eu estou tentando fazer”. (Sra. P - Grupo vida).

“Eu tive que construir uma outra vida para mim, e o grupo me ajudou muito nesse sentido”. (Sra. T - Grupo Amizade).

“O grupo preencheu aquela lacuna que tinha ficado, perdi o marido, ficou o grupo. O grupo até abriu mais a minha mente novamente para o mundo”. (Sra. A - Grupo Vida).

“É o máximo para mim vir para o grupo. Não tenho nem palavras”. (Sra. A - Grupo Vida).

Através dos depoimentos anteriormente mencionados podemos constatar que, após essas mulheres viúvas ingressarem nos grupos, as mesmas resgataram o que haviam perdido com a morte do marido - o próprio sentido de suas vidas.

Como nosso objetivo com essa pesquisa, recai sobre a questão da significação da vida dessas mulheres idosas e viúvas, bem como a importância do trabalho grupal como uma forma de resgatar a socialidade através de uma maior participação das mesmas, elaboraremos uma síntese compreensiva a partir do que nos foi relatado com maior ênfase através dos depoimentos dessas mulheres.

2.4. - Síntese Compreensiva.

Como ressaltamos no decorrer do trabalho, o significado da viuvez para essas mulheres, teve contudo, um sentido distinto.

A dicotomia entre os sentidos da viuvez: para algumas dessas mulheres, significando solidão e tristeza, evidenciando-nos uma relação de complementaridade vivida no tratamento e para outras porém, significando a libertação para a vida, revelando-nos uma relação de dominação.

Acerca do trabalho realizado com grupos, vê-se a importância do mesmo, quando mulheres viúvas dele participam.

Com a morte do cônjuge, há uma ruptura, ruptura esta, que por vezes, limita a participação, e conseqüentemente, desfavorece a socialização dessas pessoas.

É no grupo pois, que muitas dessas mulheres passam novamente a ser e a existir, e, a ter uma compreensão de vida até então não refletida.

Como nos foi expresso nos depoimentos acerca da vida social do casal, revelou-se uma maior ênfase a questão da participação desses casais na vida religiosa.

Com a realização de seus movimentos e de suas atividades, a Igreja fortalece e leva a um engajamento comunitário, essencial a vivência humana.

Outro fator muito importante que observamos, refere-se a questão da importância do incentivo por parte da família dessas mulheres idosas para o seu ingresso nos grupos de convivência do SESC.

A família tem um papel fundamental quanto a responsabilidade de estimular o idoso a realizar atividades, a fim de que possam, de uma maneira ou de outra, enfrentarem essa nova fase de suas vidas.

Portanto, é a partir de uma convivência grupal, que a pessoa idosa desenvolve melhor sua capacidade de participação, criação, tomada de decisões, capacidade de opinar, enfim, engajar-se e então exercer sua liberdade.

O Serviço Social, enquanto profissão, se preocupa em elevar o nível de conscientização do homem, tornando-a mais crítica e reflexiva, a fim de que possa melhor interagir e assim, poder transformar a realidade a qual está inserido.

A importância do trabalho com grupos de idosos do SESC, dá-se pelo fato do mesmo, através do convívio grupal, valorizar e integrar o idoso na vida comunitária.

Constatamos contudo, que as mulheres idosas e viúvas. repensam e resignificam a vida, resgatam o sentido de ser na relação com outras mulheres, na participação da vida de grupo.

CONCLUSÃO

A partir da exposição do trabalho, apresentamos as seguintes conclusões:

- Como mais uma etapa da vida, a Terceira Idade deve ser compreendida como a fase da vida onde a pessoa deve estar sempre consciente de que o sujeito participante e que precisa, contudo, se integrar cada vez mais à sociedade;
- A questão da significação da viuvez para as mulheres participantes dos grupos, nos faz refletir acerca da ruptura, ocorrida com a morte do cônjuge, desestimulando contudo a sociabilização dessas mulheres;
- Os grupos de convivência do SESC, no que diz respeito a Terceira Idade, vêm de encontro a essa questão no caso aqui, dessas mulheres idosas e viúvas, fazendo com que as mesmas, resgatem o sentido de ser e existir, reconhecendo contudo, a importância do trabalho grupal;
- O grupo favorece pois, ao idoso, a valorização e o despertar da reconstrução de suas vidas.

O Serviço Social portanto, propicia ao idoso, participante do grupo, a elevação de seu nível de consciência, fazendo com que o mesmo tome decisões, opine sobre sua vida em sociedade, a fim de que possa transformá-la numa realidade mais justa e humana.

SUGESTÕES

- Que o CAF - Centro de Atividades de Florianópolis do SESC, continue sendo campo de estágio, propiciando as acadêmicas do curso de Serviço Social, o exercício da prática junto à pessoas idosas. E através do trabalho grupal que essas acadêmicas poderão conhecer melhor essa realidade;
- Que o curso de Serviço Social proporcione as acadêmicas estágios em diversas áreas, a fim de que a mesmas adquiram uma melhor formação profissional;
- Que o Serviço Social do SESC sempre dê continuidade a esse trabalho com grupos buscando na pessoa idosa, a valorização e a integração social;
- Que todas as acadêmicas do curso de Serviço Social procurassem saber um pouco do trabalho realizado com pessoas idosas o quanto é gratificante e compensador.

BIBLIOGRAFIA

- Anuário Estatístico do Brasil / Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Ano 1 - (1908/1912) - RJ. : IBGE, 1916 - Volume 54, p. 1 - 1 - 8 - 32, 1994.
- BEAUVOIR, Simone de. A Velhice. Uma Realidade Incômoda. São Paulo: Difusão Européia, Volume I, 1970.
- BORDENAVE, Juan e Díaz. O que é Participação. 6ª edição. São Paulo: Ed. Braziliense, 1990. 84 p.
- FRAIMAN, Ana Perwin. Coisas da Idade. 2ª edição. Hermes Editora. S.P. 1991, 202 p.
- FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da Libertação. Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. São Paulo - Moraes, 1980.
- KANOPKA, Gisela. Serviço Social de grupo, um processo de ajuda. Tradução Adolpho Silva. Revisão Técnica de Evangelina Leivas - 2ª ed. - Zahar Editores. RJ.,1972.
- MOTTA, Edith. Diagnóstico e Intervenção a Nível de Prestação de Serviços Diretos a Grupos. CBCISS, (33), 2ª ed. Rio de Janeiro - (documento mimeografado), 1971, p. 7.
- MURARO, Rose Marie. A Mulher na Construção do Mundo Futuro. Editora Vozes Limitada Ltda. Rio de Janeiro - 1966.

PAVÃO, Ana M^a Braz. O Pensamento de Paulo Freire. In: O Princípio de Auto-determinação no Serviço Social. Visão Fenomenológica. São Paulo, Cortez, 1982.

RODRIGUES, Maria Lúcia. O trabalho com Grupos e o Serviço Social. 2^a ed., São Paulo, Cortez e Moraes, 1979, 65 p.

SALGADO, Marcelo Antônio. Gerontologia Social. CBCISS, 12 (150), São Paulo, 1979.

SALGADO, Marcelo Antônio. Velhice: Uma Nova Questão Social. 2^a Ed., São Paulo, SESC - CETI, 1982, 121 p.

SESC: Ano Jubileu - 25 Anos de SESC. Rio de Janeiro: 1972.

SESC: Departamento Nacional. Os Fatos do Tempo: 30 Anos de Ação Social. Rio de Janeiro: 1977. 298 p.

SESC: Boletim de Intercâmbio. UNIMOS. Instrumento de Ação Comunitária. R.J., SESC (17), 1971, p. 9.

SESC, Departamento Regional de Santa Catarina. Subsídios para desenvolvimento de trabalhos com grupos. S.N.T. (mimeografado).

TORRES, Zélia. A Ação Social dos Grupos. Editora Vozes - 2^a Ed. Petrópolis, RJ, 1985.

WAGNER, Emira C. Abreu e Mello. Viuvez e Solidão. Mimeo - 9 p.